

7. (Lucas 4:31-44; Mateus 7:21-23) A Sinagoga e o Deserto: Onde a Verdadeira Autoridade de Cristo Habita?

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 17/11/2025 19:44

1. O Contexto Histórico: Do Templo Destruido ao Surgimento da Sinagoga

Para compreender a cena que Jesus encontra em Lucas 4, precisamos entender o que aconteceu nos 400 anos de silêncio profético entre Malaquias e o Novo Testamento. Quando lemos o Antigo Testamento, encontramos o Templo, sacerdotes e sacrifícios. Quando abrimos os Evangelhos, encontramos sinagogas, escribas, fariseus e saduceus — um cenário drasticamente diferente.

Essa mudança começou séculos antes de Cristo, por volta de 586 a.C., com a **invasão babilônica**. O Templo de Salomão foi destruído, os muros de Jerusalém derrubados e o povo levado para o exílio. Sem o Templo, o lugar físico do culto sacrificial, a fé judaica precisou se adaptar para sobreviver.

Foi nesse período de ausência que a **Lei (a Torá) ganhou um status de culto**. Se não podiam sacrificar a Deus, eles podiam cultuá-Lo preservando Sua Palavra e obedecendo estritamente aos Seus mandamentos. A obediência à Lei tornou-se a nova forma de adoração.

Com o tempo (e a permissão dos Persas, que derrotaram os Babilônios), o povo retornou. Vemos em Esdras a reconstrução do Templo e em Neemias a reconstrução dos muros. Contudo, mesmo com o Templo reconstruído, o povo estava espalhado (a Diáspora).

Surgiram assim as **sinagogas** (do grego *synagōgē*, "assembleia"). Eram locais de reunião, estudo da Lei e oração, que podiam ser formados por apenas dez homens.

Nesse contexto, duas classes ganharam imensa importância:

1. **Os Escribas:** Homens que se dedicaram a preservar, copiar e interpretar a Lei. A "escola de Esdras" fortaleceu esse movimento.
2. **Os Fariseus (Perushim):** Significando "os separados". Eram grupos que surgiram dos escribas, devotados à aplicação estrita da Lei em todos os aspectos da vida, buscando a santidade através da obediência rigorosa.

Após o Império Persa, vieram os Gregos (Alexandre o Grande) e, após uma breve autonomia conquistada pelos Macabeus, veio o Império Romano.

Quando Jesus chega, o cenário é este:

- **O Templo** existia em Jerusalém (reformado grandiosamente por Herodes), focado no sacrifício e controlado pelos Saduceus (a elite sacerdotal).
- **As Sinagogas** estavam espalhadas por toda parte (historiadores estimam centenas só em Jerusalém), focadas no ensino da Lei e dominadas pelos Escribas e Fariseus.

O culto, que antes era centrado no sacrifício, havia se tornado centrado no estudo e na obediência à interpretação da Lei. Foi nesse sistema, onde a tradição e a interpretação humana haviam se tornado centrais, que Jesus entrou para declarar Sua autoridade.

2. A Palavra com Autoridade: Jesus na Sinagoga de Cafarnaum

Compreendendo que a sinagoga havia se tornado o centro do ensino da Lei, dominado por escribas e fariseus, a entrada de Jesus em Cafarnaum ganha um peso maior. Ele entra nesse ambiente de

estudo rigoroso e tradição humana, e a reação do povo é imediata.

E desceu a Cafarnaum, cidade da Galileia, e os ensinava nos sábados. E admiravam-se da sua doutrina, porque a sua palavra era com autoridade. (Lucas 4:31-32, Almeida Revista e Corrigida)

O povo estava acostumado a ouvir os mestres da Lei. Estes ensinavam com base em tradições orais, citações de rabinos anteriores e interpretações técnicas. O foco deles estava na preservação da Lei como um sistema de culto em si.

Quando Jesus fala, o povo se maravilha. A reação é de admiração, pois **Ele não está meramente repetindo tradições**. Lucas destaca que Sua palavra era "com autoridade" (*exousia*, em grego). Essa autoridade não vinha de uma escola rabínica ou de uma linhagem sacerdotal reconhecida por eles; **vinha de quem Ele era**.

Jesus não estava apenas *interpretando* a Palavra de Deus; Ele *era* o Verbo de Deus feito carne (João 1:14). Ele não precisava citar mestres anteriores para validar seu ensino, pois Ele falava com a propriedade do Autor. A autoridade de Cristo era a própria verdade de Deus manifestada, e isso causava um impacto que o legalismo vazio dos mestres da lei não conseguia reproduzir.

2. O Reconhecimento Vazio: Quando o Demônio Declara a Verdade

A demonstração da autoridade de Jesus não se limita ao Seu ensino. Imediatamente após o povo se maravilhar, ocorre uma confrontação direta no local de culto, expondo a fragilidade do sistema religioso ali presente.

*E estava na sinagoga um homem que tinha o espírito de um demônio imundo, e exclamou em alta voz, Dizendo: Ah! Que temos contigo, Jesus Nazareno? Vieste para nos destruir? Bem sei quem és: o Santo de Deus. E Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te e sai dele. E o demônio, lançando-o por terra no meio do povo, saiu dele, sem lhe fazer mal.** (Lucas 4:33-35, Almeida Revista e Corrigida)*

Este evento é profundamente irônico. Dentro da "casa de ensino", a sinagoga, onde os líderes religiosos deveriam ser os primeiros a reconhecer o Messias, o primeiro a declarar a identidade divina de Jesus é um demônio.

A declaração do espírito imundo é teologicamente precisa: **"Bem sei quem és: o Santo de Deus"**. Ele também reconhece o propósito de Jesus: "Vieste para nos destruir?" (ou, como o texto original sugere, "nos desencaminhar" do nosso domínio). O demônio entende quem Jesus é e a ameaça que Ele representa ao reino das trevas.

No entanto, Jesus o repreende severamente: **"Cala-te e sai dele"**. Por que Jesus silenciaria uma declaração verdadeira? Porque a verdade sem submissão é inútil; é um reconhecimento vazio.

Aquele demônio, assim como os religiosos que mais tarde rejeitariam Jesus, reconhecia Sua identidade, mas não tinha intenção de se submeter ao Seu senhorio. A voz daquele endemoniado era, em essência, a voz do próprio sistema religioso: **um sistema que podia declarar Jesus como "Santo", mas que não queria que Ele mudasse seus caminhos ou destruísse suas estruturas de poder**.

A autoridade de Jesus é tamanha que Ele não precisa e nem aceita o testemunho das trevas. Ele expulsa o demônio, e o povo, novamente, fica admirado, não com a declaração, mas com o poder:

*"Que palavra é esta, pois com autoridade e poder ordena aos espíritos imundos, e eles saem?"
(Lucas 4:36).*

3. O Perigo do "Senhor, Senhor": Sinais e Milagres sem Intimidade

A cena na sinagoga de Cafarnaum não é um evento isolado. O evangelista Lucas faz questão de mostrar a Teófilo que esse padrão se repete. Mais tarde, naquele mesmo dia, a multidão traz seus enfermos, e o fenômeno acontece novamente:

E, ao pôr do sol, todos os que tinham enfermos de várias doenças lhos traziam; e, pondo as mãos sobre cada um deles, os curava. E também de muitos saíam demônios, clamando e dizendo: Tu és o Cristo, o Filho de Deus. E ele, repreendendo-os, não os deixava falar, pois sabiam que ele era o Cristo. (Lucas 4:40-41, Almeida Revista e Corrigida)

Jesus, mais uma vez, silencia a confissão teologicamente correta ("Tu és o Cristo, o Filho de Deus"). Por quê? Porque um dia, o próprio Jesus advertiria sobre aqueles que usam Seu nome, mas não O conhecem. O reconhecimento verbal, mesmo acompanhado de poder, não é garantia de salvação ou intimidade com Deus.

Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos me dirão naquele Dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? E em teu nome não expulsamos demônios? E em teu nome não fizemos muitas maravilhas? E, então, lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade. (Mateus 7:21-23, Almeida Revista e Corrigida)

Este é o perigo que Lucas começa a ilustrar em Cafarnaum. O sistema religioso, e até mesmo os demônios, podem identificar o poder de Jesus. Eles podem ver os sinais e até mesmo "usar" o nome d'Ele para validar suas próprias posições. No entanto, o Reino de Deus não se baseia em quem realiza os milagres mais impressionantes ou faz as declarações de fé mais altas.

Os demônios reconhecem Jesus, mas se opõem a Ele. Da mesma forma, muitos podem se apegar aos sinais — às curas, aos exorcismos, às demonstrações de poder — e usá-los para "capitalizar" sua própria autoridade, construindo seus próprios reinos. Eles têm a declaração nos lábios, mas o coração, como o dos fariseus, está longe. Jesus não se impressiona com isso; Ele busca aqueles que dão fruto e praticam a vontade do Pai.

4. A Cura que Gera Serviço: O Contraste na Casa de Pedro

Saindo do ambiente público e conflituoso da sinagoga, Jesus entra em um lar. Lucas nos leva da "assembleia" formal para uma cena doméstica, e a diferença na resposta ao poder de Cristo é imediata e profunda.

Ora, levantando-se Jesus, saiu da sinagoga e entrou em casa de Simão; e a sogra de Simão estava enferma com muita febre; e rogaram-lhe por ela. E, inclinando-se para ela, repreendeu a febre, e esta a deixou; e ela, levantando-se logo, servia-os. (Lucas 4:38-39, Almeida Revista e Corrigida)

Observe o contraste: na sinagoga, o reconhecimento da autoridade de Jesus (pelo demônio) é um ato de declaração, mas sem submissão. Na casa de Pedro, a mulher é curada de uma "grande febre" — uma condição opressora que a deixava prostrada e incapaz.

Enquanto o endemoniado, mesmo declarando "Tu és o Santo de Deus", não desejava ter seu caminho mudado, a sogra de Pedro demonstra o oposto. A sua resposta à cura não é uma declaração teológica; é uma ação imediata. O texto diz que ela "levantando-se logo, **servia-os**."

A autoridade de Jesus, quando verdadeiramente recebida, não resulta apenas em admiração ou em declarações verbais; ela resulta em transformação que leva ao serviço. O endemoniado queria que Jesus fosse embora; a sogra de Pedro O serve.

Muitas vezes, a religião institucional, como a sinagoga daquela época, pode ficar presa em declarações corretas sobre Deus, sem produzir a verdadeira resposta do Reino, que é o serviço nascido da gratidão. A sogra de Pedro, por outro lado, sem fazer nenhuma grande confissão pública, encarna a essência do discipulado: ser liberto por Cristo para servir a Cristo e aos outros.

5. O Chamado ao Deserto: O Anúncio do Reino Acima dos Sinais

Depois de um dia de demonstrações inegáveis de poder — ensinando com autoridade, expulsando demônios e curando multidões —, a reação do povo é previsível: eles querem mais daquilo. Eles viram os sinais e queriam manter o realizador de milagres por perto.

E, sendo já dia, saiu e foi para um lugar deserto; e a multidão o procurava e chegou junto dele; e detinham-no, para que não se ausentasse deles. Ele, porém, lhes disse: Também é necessário que eu anuncie a outras cidades o evangelho do Reino de Deus, porque para isso fui enviado. (Lucas 4:42-43, Almeida Revista e Corrigida)

Este é um momento decisivo. As pessoas estavam fascinadas pelos sinais (as curas, os exorcismos), mas Jesus declara que Sua missão é algo maior: **anunciar o Evangelho do Reino de Deus**.

Os sinais não eram o fim em si mesmos; eles eram *sinais* do Reino. Cada milagre era uma demonstração de como é o Reino de Deus: um lugar onde a doença é curada, os cativos são libertos (dos demônios) e a ordem da criação é restaurada. No entanto, o povo se apegou ao efeito (a cura) e ignorou a causa (o Reino).

Jesus se retira para um **lugar deserto**. Isso é simbólico. O deserto, na Bíblia, é frequentemente um lugar de provação, mas também de revelação e pureza, longe das estruturas de poder corrompidas (como o Templo e, neste contexto, a sinagoga).

A multidão O segue até o deserto, querendo retê-Lo. Eles preferiam um Cristo que ficasse em Cafarnaum resolvendo seus problemas imediatos. Mas Jesus recusa ser apenas um curandeiro local. Ele afirma que Sua prioridade é a **pregação do Reino**, pois "para isso fui enviado". Para Jesus, os sinais validavam a mensagem, mas a mensagem era o mais importante.

6. Conclusão: Onde a Verdadeira Assembleia se Reúne?

Lucas, ao narrar esta sequência de eventos para Teófilo, constrói um argumento poderoso que ecoa o que João Batista já havia estabelecido no capítulo 3: a Palavra de Deus muitas vezes não está nos centros religiosos estabelecidos, mas no "deserto".

No início da pregação de Jesus, a Palavra de Deus (João Batista) estava no deserto, enquanto o

Templo em Jerusalém estava mancomunado com Roma (Lucas 3:1-2). Agora, no capítulo 4, vemos o mesmo padrão. A sinagoga, o lugar oficial da "assembleia", revela-se um lugar onde a verdade pode ser declarada por demônios, mas o Senhorio de Cristo é resistido. É um lugar onde líderes religiosos, escribas, fariseus e até endemoniados podem coexistir, contanto que o *status quo* não seja desafiado.

Quando Jesus, a Palavra viva, vai para o deserto, a **verdadeira sinagoga** — a verdadeira assembleia daqueles que buscam a Deus — O segue. O povo deixa a estrutura religiosa para ir atrás da Palavra.

Este texto nos chama a refletir: Onde está o nosso foco?

Estamos mais preocupados com os **sinais** (milagres, curas, prosperidade, demonstrações de poder) ou com o **Reino** que Jesus veio anunciar? Estamos mais preocupados em frequentar uma "sinagoga" — um sistema religioso, uma instituição — ou em seguir a Cristo, a Palavra, mesmo que Ele nos leve ao "deserto", longe do reconhecimento e da segurança institucional?

A sogra de Pedro foi curada e serviu. O endemoniado reconheceu Jesus, mas foi silenciado e expulso. Os líderes religiosos resistiram a Ele. A verdadeira assembleia não se define pelo local de culto ou pelas declarações teológicas corretas, mas por aqueles que, ao encontrarem a autoridade de Jesus, são libertos e passam a servi-Lo, seguindo-O aonde quer que Ele vá.

A oração é que possamos discernir a voz de Cristo acima do barulho da religião, e tenhamos a coragem de deixar nossas estruturas confortáveis para seguir o verdadeiro Evangelho do Reino.

A Casa da Rocha - #08 - **É sobre peixes, é sobre o Rei - Zé Bruno - Meu Caro Amigo** .
<https://www.youtube.com/watch?v=wY8n7DLJNO4>

Documento gerado em 04/06/2026 08:16:41 via BeHOLD